

Editorial

O desafio de fazer uma revista científica dar os primeiros passos e avançar, de forma saudável e promissora, como expressão de um pensamento coletivo é algo “ímpar”; exigindo um par! Faz lembrar a relação que habitualmente temos com uma criança pequena.

Ela é uma graça; mas só quando está uma graça. Como não é mais recém-nascida, nem passa os primeiros dias recebendo visitas e presentes de boas-vindas, inicia um jogo plenamente humano de expansão, ensaio e erro e sutileza, de que só chamando a atenção, com velhas novidades, se fará ouvir! É aquele momento em que os pais manifestam certo cansaço. Enquanto outros interlocutores sociais, entre parentes, amigos, vizinhos, aparecem para dar aquela “mãozinha”: amparar as quedas, apaziguar as birras e o choramingo e ajudar a pequena estrela a fixar seus passos.

É na inspiração das caminhadas infantis que convidamos os leitores, estudiosos e curiosos do saber educativo e geográfico, a participar desse momento de atenção, de “*olha a criança!*”. Momentos que nos deixarão um pouco mais alertas para os tropeços que, no ensinar/aprender Geografia, ainda reproduzimos feito crianças, aprendendo a andar. E por que esse tropeçar tão fora de época? No romper da 2ª década do século XXI, já não teríamos acumulado mais de trinta anos de renovação geográfica?

Há elementos, que advém desse conjunto de contribuições ao 2º número da GEOSABERES, sugerindo a manutenção de algumas “tradições”. Ali onde realmente precisamos *geografar* conhecimentos: na leitura histórica e humanística dos lugares, na atividade de campo, na leitura cartográfica, nas práticas comparativas de eventos e realidades distintas e na permanente auto-percepção das estratégias formativas. E *para não perder a ternura jamais*, uma forte dosagem poética de incentivo às inovações metodológicas.

É com esse quadro que a segunda GEOSABERES nos chega, trazendo um conjunto de artigos um pouco mais próximos a realidade cotidiana do fazer geográfico intra-escolar.

Para não deixar a criança cair, dois textos abre o exercício de vigília: ***Representação social no ensino de geografia***, que explora os vínculos entre a Geografia e a Psicologia Social lançando mão das percepções discentes; e ***A Geografia Humanística como ferramenta de ensino***, trabalhando com o papel das categorias diretamente vinculadas ao cotidiano local. Tais avaliações do fazer mais interno, não nos deixam desatentos para a tensa e desafiadora interação do ensino com um contexto de produção territorial; crescentemente impactante. É nesse quadro que o trabalho ***Educação geografia e análise da reprodução sócio-espacial do Turismo no Ceará***, amparado por uma detalhada pesquisa com discentes, evidencia as lacunas distanciamento entre a formação escolar e as contradições do crescimento turístico no território cearense.

Falando em formação, é preciso também não descuidar dos excessos. Às vezes, nos esquecemos de que andadores e tapetes felpudos foram inventados muito tempo depois das passadas magistrais de nosso velho pai, o *homo erectus et sapiens*. ***Hoje eu vou à escola! Novas práticas no ensino de geografia*** é um texto que traz a experiências de estagiário, que revê a escola para ver de fato o que a Universidade lhe está possibilitando.

E já que começamos a andar para valer, abrimos as portas do país e da língua para pensar as práticas de campo em ***Las salidas de terreno como posibilidad de enseñanza de la Geografía***. A experiência dessa pesquisa, realizada em Santiago do Chile, fortalece a ideia que de a visita geográfica não ignora jamais a percepção das contradições nos lugares; nos nossos que são também dos outros.

Outros migrantes, mais novos ou menos inseridos; outros não tão próximos do ser criança, como na lógica formalista da “idade ideal”. Mas vendo a escola e a Geografia como “espaços de recomeço da cidadania”. É o que *O Ensino de Geografia: a sala de aula e os saberes geográficos*, fruto de um trabalho desenvolvido no interior do Grupo de Pesquisa Linguagens Geográficas (GPLG – Presidente Prudente-UNESP), nos permite pensar sobre a Educação de Adultos.

Tal educação é que nos faz posicionar, frente aos outros textos, um trabalho mais peculiar. O que não significa “desassociado” das perspectivas de análises culturais e comunicacionais que a GEOSABERES, tão bem, absorve. Quando uma criança “aparenta ter caído sentada”, olha a TV, o movimento da rua... Pode nesse momento até sorrir! Tal qual poderíamos fazer no enlace de um estudo como *Lavadeira em Pernambuco e Nossa Senhora da Abadia em Goiás*. Certamente, a percepção educativa dos movimentos festivos (religiosos ou artísticos), nos induz a pensar maneiras comparativas para equilibrar nossos passos. Passos frequentemente dependentes dos ritmos da penitência ou da dança.

Isso por que não conseguimos recuperar a ética e a estética cultural, como campos temáticos da geografia escolar. Embora todo um universo simbólico – e especificamente plástico dos registros apresentados no artigo *O ensino de geografia pela cartografia histórica* - permanecemos em uma incomoda média aquém dos avanços registrados pelo autor. Ou seja, fazer da história cartográfica um exercício sistemático de trabalho *com as mudanças sociais, econômicas, políticas, tecnológicas e culturais representadas em diversos mapas*.

Fecha nosso conjunto de contribuições trabalhos sempre oportunos no enfrentamento do problema da formação docente: O primeiro com foco mais epistemológico *O Lugar do ensino na formação da geografia brasileira*, tornando exemplar o lembrete do início: o novo eficaz pode estar no “velho” ainda não decodificado qualitativamente. Já texto seguinte *O Ensino de geografia na educação básica* demarca aquele momento em que os pesquisadores da arte de ensinar a andar perguntam: quem não está fazendo certo: nosso ensinar às crianças ou o aprender dos mestres que ainda nos estimulam? Em parte os erros podem vir de ambos os lados. Mas o que interessa aos autores – e deve nos interessar também – é a margem de acertos que podemos converter em novas metodologias.

No ESPAÇO METODOLÓGICO, essa pauta permanece com um artigo que, trabalha o paradigma de Donald Schön, interpretando a ação de “culpar” os docentes pela queda das crianças! *Formação crítico-reflexiva na formação do Professor de Geografia: um estudo de caso* nos instiga a fazer com que os alunos também nos olhem: nossas quedas e nossos avanços; e olhem conosco as coisas pulsando ao redor.

A Experiência da beleza tem de vir antes e Árvores, são os textos do ESPAÇO LITERÁRIO. Posicionam em prosa e poesia como pilares gozosos e necessários a um respiro profundo após 200 páginas de fortes dissertações. Merecemos, não!

Para fechar, o registro indispensável de que este segundo numero não seria possível sem o extraordinário (antes) e cotidiano (daqui para frente) empenho pessoal de FÁBIO DE OLIVEIRA MATOS; que, desta feita, se junta a Equipe Editorial da Revista, para assegurar os caminhos previstos em 2011.

Nosso Muito Obrigado Fábio e Queridos Leitores!

Comissão Editorial